

# DESENVOLVER VALORES NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA PROPOSTA DE AÇÃO PEDAGÓGICA<sup>1</sup>

Paula Maria Santos Koerich  
Thais Carboni Martins<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo apresentamos as reflexões que emergiram a partir da observação das crianças durante o estágio realizado no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da Universidade Federal de Santa Catarina. Buscamos direcionar nosso olhar às crianças, privilegiando as manifestações infantis nas suas singularidades e diversidades, a fim de compreendermos seus reais desejos e necessidades. Para tanto, realizamos observação participativa, na qual produzimos registros escritos e fotográficos. Observando as formas como as crianças se relacionam, percebemos a necessidade de inserirmos em nossas atividades diárias com as crianças os “Valores”. Por isso, foi preciso considerar o que as crianças nos indicavam através de suas inúmeras expressões, pois, é por meio da ação pedagógica intencionalizada que ocorrem mudanças nas ações cotidianas, fazendo-as se questionarem sobre seus relacionamentos e formularem seus próprios julgamentos sobre o que é certo ou errado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações, crianças, papel do professor, valores

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de trazer algumas reflexões produzidas durante o estágio supervisionado em Educação Infantil II, realizado no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da Universidade Federal de Santa Catarina, no qual focalizamos as relações das crianças e, a partir disso, refletimos sobre o papel do professor na orientação dessas relações.

O estágio tem como objetivo principal iniciar uma aproximação entre o educador e as formas que a criança utiliza para se expressar, compreendendo que esse processo, ao invés de oferecer respostas e propostas, pretende formular perguntas sobre o

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido a partir das atividades da disciplina: Estágio Supervisionado em Educação Infantil II, do Curso de Pedagogia da Universidade federal de Santa Catarina, sob orientação da Professora Deise Arenhart.

<sup>2</sup> Acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina.

[paulakoerich@hotmail.com](mailto:paulakoerich@hotmail.com)

[thaiscarboni@hotmail.com](mailto:thaiscarboni@hotmail.com)

cotidiano a partir do olhar das crianças pequenas, permitindo-nos ampliar os saberes e compreensões dos jeitos de ser criança. (Cerisara et al,2001).

Assim, na medida em que fomos percebendo as crianças, algumas perguntas iam surgindo: Em que se baseiam as relações das crianças? Por que excluem algumas e enaltecem outras? Se as crianças reproduzem nas suas relações, os valores hegemônicos da sociedade, qual seria o papel do professor?

*Vinicius e Marcos<sup>3</sup> discutem, pois, ambos querem brincar com o computador. Vinicius chama a professora: “Eu é que arrumei tudo, agora eles estão pegando tudo”. E Marcos responde: “Nãoooo, o computador é meu, eu vou brincar, me devolve. Eu é que vou usar e mais nada”. A professora intervém dizendo: “Mas nós não somos amigos?” E Marcos retruca aos gritos: “Mas eu é que vou usar”. Laura propõe para os meninos que cada um brinque por cinco minutos e Vinicius concorda. Marcos acaba concordando também. (Registro da Thais, dia 20 de Abril de 2005)*

Para documentar nossas observações, nos valemos de registros escritos e fotográficos.

A fotografia amplia o leque de instrumentos metodológicos e permite apreendermos as diversas manifestações infantis. Ela é um recorte da realidade, congela o tempo e o espaço pela lente da máquina, uma vez que a imagem fixa detalhes que podem ter passado despercebidos durante a observação de campo. Abre caminho para diferentes pontos de vista, sendo que é preciso ter consciência de que a análise das fotografias é feita a partir de um ponto de vista de quem escreve (AGOSTINHO,2003).

Segundo a mesma autora, a familiaridade com o equipamento facilita o trabalho, evitando a perda de arquivos, porém há dificuldades também em escolher quais fotos constarão no trabalho. O objeto em si costuma provocar certa curiosidade tanto em crianças como nos adultos.

Consideramos importante esse tipo de documentação das vivências infantis, pois, possibilita ao professor construir experiências positivas com as crianças, além de ampliar o olhar que se tem sobre elas, servindo de apoio para entendê-las. Essa prática de observação e registro para os educadores e futuros educadores favorece o contínuo crescimento profissional, pois o mesmo se baseia sempre na formulação de perguntas,

---

<sup>3</sup> Para preservar a identidade das crianças e da professora, os nomes apresentados neste artigo são fictícios.

observação, organização de materiais, análise de materiais, reformulação de questões, planejamento e resposta em um ciclo que não se desfaz, pois, faz com que o professor reflita a todo o momento sua prática educativa <sup>4</sup>.

Assim, este texto trás em primeiro lugar a caracterização do grupo onde foi realizado o estágio. Em seguida, abordaremos as relações das crianças entre elas e com os adultos, do modo como a sociedade as vêem; do educador como mediador das ações das crianças; da relação entre família e instituição na orientação da educação das crianças. No final, falaremos de como o grupo observado avançou em relação à questão dos “Valores” com as proposições feitas por nós.

## **2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO**

A escolha dos grupos onde iríamos estagiar foi um pouco rápida. Como não estávamos no NDI semestre passado, tivemos apenas uma tarde para conhecer toda a instituição e ver quais turmas receberiam estagiárias. Durante a visita, um grupo foi dispensado, porque tinha uma criança portadora de necessidades especiais que ficou muito agitada com a nossa presença. Após dar uma rápida passada pelos grupos, achamos que o 7 A seria bom de trabalhar, já que as crianças não eram tão novas e seria mais fácil propor atividades, e, também, pela professora da turma, que se mostrou muito disposta em nos ajudar e nos recebeu de braços abertos na visita que fizemos ao grupo. Não tivemos problema em ficar neste grupo já que cada dupla escolheu um diferente e não foi preciso fazer nenhum tipo de sorteio.

A sala do grupo 7 A tem 3 mesas com cadeiras do tamanho das crianças, e ficam bem no centro. Num dos cantos tem um armário, que cobre toda a parede e é onde ficam guardados os materiais (papel, lápis, pastas, desenhos, almofadas, avental, etc) e também os brinquedos. Ao lado do armário tem uma mesa, com duas gavetas e uma cadeira para a professora.

Uma janela cobre todo o lado de uma das paredes da sala. Nela, tem um varal feito com barbante onde são penduradas as atividades feitas pelas crianças. Abaixo, tem um gancho, com o nome de cada criança, onde são colocadas suas mochilas delas.

---

<sup>4</sup> Anotações feitas em sala de aula, na disciplina de Cotidiano, ministrada pela Professora Kátia Agostinho, no segundo semestre de 2004.

No canto ao lado da janela, tem um espelho que vai do teto ao chão. É ali onde as crianças, principalmente os meninos, brincam de escritório, nave espacial, delegacia, polícia e ladrão, restaurante e tudo que a imaginação permitir. Perto da porta fica outro espaço lúdico, também muito usado pelos meninos, mas é onde as meninas brincam de boneca e loucinha. Ao lado tem um quadro negro na parede, e embaixo dele um tapete, onde o grupo se senta em roda para ouvir as histórias e combinar o que irão fazer durante o dia.

Na sala, ainda tem uma mesinha com canecas e uma jarra de água para as crianças. As paredes são enfeitadas com letras, cartazes, calendários e desenhos. O banheiro tem uma porta para dentro da sala e é coletivo, para meninos e meninas e para o outro grupo.

A professora do grupo tem 41 anos e exerce a profissão a 16. Há 14 formou-se em Pedagogia Educação Infantil Séries Iniciais, e, desde então, na Educação Infantil, sendo 10 em escola particular e 4 na rede municipal. Está a 5 meses no NDI, com 40 horas semanais sendo, 20 em sala e 20 com reuniões e sobre aviso.

A bolsista, cursa a faculdade de Serviço Social, mas saiu enquanto ainda estagiávamos lá. Até o último dia da nossa presença na sala, o grupo ainda estava sem bolsista.

As crianças não têm horários definidos e todos os dias sentam-se em rodas para programar o dia, que é sempre diferente um do outro.

Vão para o parque todos os dias (apenas quando chovia que ficavam em sala), mas não ficavam lá muito tempo. Os meninos brincavam muito no corredor, onde havia interação com outras turmas, e a maioria das meninas preferia ficar na sala desenhando. Antes de fazer o lanche, que é servido perto das 4 horas da tarde, vão ao banheiro e lavam as mãos com sabonete, e secam cada um em sua toalha. Cada dia uma criança é responsável em trazer o lanche para todas as outras e comem primeiro a fruta, que não é o prato preferido de todas. Algumas gostam de frutas específicas (maçã e banana são as preferidas) e quando não tem essas, ficam sem comer esperando pelo bolo ou pelo pão, que vem com requeijão e salada. O suco preferido pela maioria é o de uva. Na hora de preparar, duas crianças são escolhidas para serem os ajudantes do dia, e adoram.

A educação física e a ida à sala de artes não têm dia e horários específicos, pois dependem do planejamento da professora e do andamento do grupo. Fazem as atividades de acordo com as necessidades das crianças.

Não tivemos muito contato com as famílias, pois não estávamos na hora de chegada e saída das crianças. Apenas alguns pais nos viam na sala e perguntavam para professora se éramos as novas bolsistas. Mas a professora explicava que éramos estagiárias e relatava qual trabalho estávamos realizando com as crianças.

O grupo era formado por 14 crianças, entre 5 e 6 anos, sendo que duas meninas entraram apenas este ano no grupo: Maria e Marina. As outras chamam-se Beatriz, Priscila, Caroline e Luciana, e os meninos: Felipe, marcos, Rafael, Vinícius, Jorge e Diogo. Todas as crianças freqüentam o NDI apenas no horário vespertino.

Em sala, as meninas são mais quietas que os meninos e preferem desenhar a brincar. Com exceção de Maria que adora brincar de boneca e casinha. Também dançam, quando o aparelho de som está na sala.

Os meninos, mais agitados, brincam por todos os cantos da sala e também no corredor. Estão sempre inventando novas brincadeiras e também adoram construir pistas para os carrinhos, com blocos de madeira que ficam no corredor.

No parque, as meninas ficam nos brinquedos que já são montados, como o escorregador, o balanço e a casinha, enquanto os meninos adoram as árvores onde podem se aventurar escalando até achar um lugar muito alto para sentar ou então soltar a imaginação e ver num troco de árvore um mastro do barco do pirata. É muito difícil vê-los misturados, geralmente brincam meninos com meninos e meninas com meninas.

### **3. DESENVOLVER VALORES NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA PROPOSTA DE AÇÃO PEDAGÓGICA**

*Há momentos na vida onde a questão de saber se podemos pensar de outro modo que não pensamos e perceber de outro modo que não vemos é indispensável para continuar a olhar e refletir. (M. Foucault)*

Inicialmente, abordaremos alguns aspectos referentes ao tema, no sentido de problematizá-lo e de indicar subsídios teóricos para embasar nossos possíveis

apontamentos. Serão apresentados os indicativos das crianças na busca de mudanças nas ações cotidianas, levando-as a questionar suas relações no coletivo.

A sociedade estabelece como um dos fatores essenciais para seu funcionamento e sua coesão a semelhança entre os indivíduos que apresentam comportamentos regulares e muito parecidos.

À medida que determinados indivíduos se afastam da grande maioria dos seres com os quais são comparados, eles passam a ser considerados como uma espécie de negação da ordem social. As pessoas que têm problemas ou que se destacam sensivelmente do que está socialmente estabelecido como normal, são alvo de processos que resultam na criação de mecanismos de correção de suas diferenças. (BIANCHETTI, S/D)

Percebemos a partir dos indicativos das crianças da turma observada, a não aceitação de uma menina no grupo e acreditamos que isso ocorra por ela ser diferente das demais meninas, já que tinha biotipo físico diferente, professava outra religião e era mais calma e tranqüila que as demais. Não aconteceu o mesmo com outra menina, que também entrou para a turma este ano e foi bem aceita pelas demais, já que existiam semelhanças físicas entre elas.

*Na sala de arte as crianças dão continuidade à produção da agenda de telefones feita pelos mesmos dias atrás. Agora fazem a sua capa pintando cada um a sua com tinta guache. Durante essa atividade Maria que senta ao lado de Luciana a pedido da professora pergunta para os colegas: “O que é que é para fazer?” Luciana responde com ar de reprovação: “A agenda de telefone dáhhrrrrr...” Luciana logo em seguida olha para Maria e diz: “Ai tudo rosa, tudo rosa (risos)”. Maria que tem uma presilha em seus cabelos tira olha-o triste e o põe de volta. Mais tarde as duas meninas ainda se encontram na sala de artes pintando e consigo perceber a implicância de Luciana com a coleguinha retrucando suas falas a todo o momento. Percebo também mesmo de longe que Luciana fala para Maria que seu desenho não está bom que falta cor, que tem que fazer igual ao seu... (Registro da Thais, dia 19 de Abril de 2005).*

Segundo Ferreira (2004), o modo como as crianças lidam com a aceitação entre si no jardim de infância não é uma ação tão simples como se imagina. A busca da aceitação do grupo vai além da faixa etária ou do simples ser criança. Na verdade ao

que se refere as culturas de pares, a singularidade é algo de extrema e fundamental importância, pois auxilia, por meio de experiências de relação, as escolhas e associações da criança por um determinado grupo. As dificuldades em partilhar um grupo para as crianças aparecem nas diversidades do conjunto, nas manifestações de corporeidade da idade e gênero que se constituem diferenciações que podem ser percebidas ou atribuídas pelo grupo. São elas que facultam a identificação como grupo. Nesse sentido, as crianças se reconhecem para além das suas diferenças ou semelhanças, partilhando assim de uma identidade coletiva de ser e agir como criança. Sendo assim, a cultura da infância é definida não apenas pelos modos como as crianças se percebem como iguais ou diferentes, mas pelos desempenhos que manifestam e revelam nas práticas sociais.

*Marina e Beatriz desenhavam: - Vou fazer eu e você. (Marina) - E a Luciana? (Beatriz) - Não, só quero eu e você. (Marina). (Registro da Paula, dia 20 de Abril de 2005).*

Segundo ainda esta autora, são as pré-qualificações (pequenos/as ou grandes, velhos/as ou novos/as, altos/as ou baixos/as, bonitos/as ou feios/as) e categorizações do corpo, bem como os usos sociais que as crianças delas fazem, que começam por ser evidenciados nas suas experiências de proximidade quando escolhem com quem se identificam mais ou menos para desenvolver ações comuns.

*Maria tentava brincar de pular no colchão junto com as meninas, mas elas estavam deitadas e não tinha lugar para ela pular: - Com licença Caroline (pedia Maria, que procurava de todas as maneiras um lugar para pular). Ela desistiu e tentou brincar com os meninos: - Sai daí! (Disseram Marcos e Diogo). - Sai daí gorda! (Diogo). Ela saiu e novamente foi junto das meninas, viu que elas não deram muita bola e foi brincar de alturinha, brincadeira sugerida pela professora. (Registro da Paula, dia 28 de Abril de 2005).*

Ainda segundo Ferreira (idem), encontrar um amigo em meio às culturas de pares pode ser visto como uma forma de as crianças partilharem significados e entendimentos comuns no quotidiano institucional de jardim de infância. A amizade é tida como uma propriedade socioafectiva, com base na inclusão da criança na organização social de um grupo. Assim sendo, as redes de amizades são de grande importância, pois contribuem no processo de reprodução dentro do grupo, isto porque é

no convívio com outras crianças que a mesma conversa, troca idéias, constrói, brinca e expande o seu repertório cultural.

Embora seja possível afirmar que as relações de amizade sejam uma necessidade básica dos seres humanos, a direção e as escolhas posteriores tendem a ser mais complexas. A amizade não é apenas uma simples relação cognitiva e afetiva, ela é uma ação permeada de interesses. Não é uma ação neutra, pelo contrário, ambas as relações sociais são altamente fluidas e flexíveis e não determinadas, sendo assim marcadas pela conformidade, individualidade, igualdade e competição. Nesse sentido pertencer à cultura das crianças é uma maneira delas aprenderem, falharem, interagirem, relacionarem-se, entre si, fazendo assim amizades (Ferreira,2004).

*Estavam sentados em roda, em frente ao quadro negro e fazendo a brincadeira da “força”, junto com a professora Laura. Cada criança ia ao quadro de uma vez, falava uma letra e depois escolhia um amigo para ser o próximo. - Escolhe o Marcos, o Marcos é bem bom! Dizia Vinícius para as crianças, demonstrando a amizade que tem com Marcos. (Registro da Paula, dia 12 de Abril de 2005).*

Admite-se como fundamental o diálogo, o auto-conhecimento do próprio corpo e do corpo do outro, as diferentes ações na aceitação e participação de todas as crianças na cultura e grupo de pares, para assim evitar a exclusão e estigmas no cotidiano das instituições. Contudo, é importante fixar que o papel do adulto é de mediador e não de modificador das culturas de pares. Sua função não é a de tirar a criança de sua estrutura social cotidiana e sim de lhe propor coisas novas, novos espaços, atividades diversificadas e de vários interesses, fornecendo referências que ultrapassem os modelos de discriminação.

Partimos da compreensão das crianças como sujeitos sociais e históricos marcados pelas contradições da sociedade em que vivemos, ao mesmo tempo, em que, como atores sociais, têm condições de se contrapor, criticar e transgredir as “leis” do mundo em que estão imersas. Percebendo a criança com poder de imaginação, fantasia, criação, entenderemos que são pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem olhar crítico, subvertendo a ordem. Essa maneira de ver as crianças pode não só ensinar a compreendê-las, mas também a ver o mundo do ponto de vista da criança. Ajuda-nos a aprender com elas, percebendo que é preciso buscar no passado para que o presente possa ser mudado e para que também um outro futuro possa ser realizado.



*Na massinha as crianças soltam a imaginação. Beatriz olha para os colegas e diz: “Olha o meu caracol que grande!” Lucas com a massinha encostada ao queixo fala: “Eu sou o Papai Noel! (risos)”. Luciana com um pedaço de massinha sobre o nariz e segurando dois pedaços da mesma sobre a cabeça, rindo muito diz: “Alguém já viu meu nariz de palhaço e a minha antena?” Lucas fala: “Estou fazendo um campo de luta.” Marina que até agora apenas ria fala aos outros: “Olha parece uma tiara.” Beatriz diz: “Olha a minha bola de gelo.” Diogo em um dos momentos de criatividade põe a massinha sobre a cadeira e pisa sobre a mesma. Os demais observam a cena aprovam e então passam a imitá-lo. Durante essa atividade coletiva as crianças usam as mais diferentes formas de expressar suas linguagens através de vários elementos como a fantasia e o lúdico. (Registro da Thais, dia 05 de Abril de 2005).*

Por outro lado, dirigimos nosso olhar ao mundo que é dado às crianças onde a falta de diálogo, a violência, a destruição e a morte fazem parte do seu cotidiano. É uma realidade violenta e hostil não saber lidar com as diferenças, sendo que um dos objetivos da educação é formar cidadãos para viver em uma sociedade fundada no reconhecimento do outro e nas suas diferenças de cultura, religião, gênero, classe social, superando as desigualdades (KRAMER, 1999).

Segundo Galeano (1996), as crianças são vítimas do sistema de poder, o qual trata as que têm situação financeira mais favorecidas como se fossem dinheiro e as mais necessitadas, como lixo. Seqüestros, antes casualmente, agora viraram rotina, e as crianças crescem fechadas em uma bolha de medo. As crianças pobres são as mais prejudicadas, pois, sofrem com a contradição de uma cultura que impele a consumir e uma realidade que as impede de viver.

Por isso, concordamos com Kramer, segundo a qual:

Para lutar por essa sociedade, é preciso educar contra a barbárie, o que implica uma ética e exige uma perspectiva de formação cultural que assegure sua dimensão e experiência crítica. Falo desse cotidiano de dor a que devemos resistir não para ingenuamente comparar o antes e o agora e concluir se já foi pior, nem para dizer que é pior agora. Falo por entender que o passado e o presente precisam ser vistos na sua dura crueza para que seja possível mudar. (KRAMER, 1993, p.277)

Segundo Galeano (1996), de cada duas crianças pobres, uma sobra. O mercado não precisa dela. Não é rentável, jamais será. E quem não é rentável não tem direito à existência. O mesmo sistema produtivo que despreza os velhos, expulsa as crianças. E as teme. Do ponto de vista do sistema, a velhice é um fracasso, mas a infância é um perigo.

Nos apoiamos novamente em Kramer para afirmar que é preciso então retomar a dimensão cidadã da ação educativa e cultural,

(...) de resgate de experiência, de conquista da capacidade de ler o mundo, escrevendo a história coletiva, apropriando-nos das diferentes formas de produção da cultura, criando, expressando, mudando. Com experiências de educação e socialização em que se pratique a solidariedade entre as crianças, jovens e adultos, em que existam laços de coletividade, elos capazes de gerar o sentido do pertencimento com reconhecimento das diferenças. Precisamos de escolas e de espaços de educação capazes de fazer diferente e precisamos mostrar na mídia esses outros modelos de educação e outros modos de ser criança que existem também. (KRAMER, 1993, p. 279)

Se o ato de educar é um ato de ajuda para que uma pessoa possa crescer e se desenvolver, não basta ter um bom repertório de atividades pedagógicas, visto que a educação não pode se reduzir ao adestramento ou apenas capacitação. Para educar, precisamos ir além dos significados particulares de cada atividade, que só será possível realizar se a profissão de educar estiver impregnada de atitudes éticas, estando sempre abertas à reflexão e à ação sobre as atividades feitas cotidianamente.

A educação das crianças está passando por um momento de transição, já que muitas famílias não se sentem preparadas ou não sabem como exercitar a solidariedade e respeito às diferenças e aprender a viver no coletivo, ou mesmo por não quererem repetir a educação repressora que tiveram. Muitos pais afirmam que os filhos ainda são muito pequenos para entender certas regras, e permitem que eles façam tudo aquilo que tem vontade, tendo a escola que enfrentar crianças sem o mínimo de limites.

Vemos como fundamental educar para a solidariedade, construir espírito de coletividade, uma vez que as relações estão demarcadas pela competitividade e discriminação.

Contudo, muitas famílias sentem-se culpadas pela ausência diária que a luta pela sobrevivência impõe a elas, deixando que os filhos reinem absolutos dentro e fora de casa.

Alguns pais, muitas vezes, passam para as escolas infantis as atribuições que são primeiramente das famílias (boas maneiras, respeito pelos outros), e em ambas as partes, tais posturas devem ser repensadas. Por isso, avaliamos necessária uma discussão permanente na escola sobre a questão dos valores, chegando a um consenso do que se deve estabelecer para as crianças.

Um dos procedimentos usados pelas escolas quando ocorrem as transgressões de normas são as oportunidades de reflexão da criança, onde ela fica refletindo sobre o ato “inadequado” que cometeu. Esta é uma idéia para afastar a criança do grupo até que ela se acalme, sendo muito utilizada nas escolas, na tentativa de fazê-la refletir sobre sua atitude e como isso pode interferir no bom andamento do grupo.

*Depois de muito correr pelo pátio, e brincar de outras coisas, Maria foi mais uma vez tentar brincar com os meninos. Diogo viu que ela subia a escada e a empurrou. Pedi que ele sentasse para esperar Maria pular, já que ela tinha subido primeiro. Marcos começou a chorar e disse:- Não, ela não vai pular antes do Diogo! - Mas eu tava primeiro (Maria).- Mas eu não gosto dela. O Diogo vai primeiro, ele é meu amigo! Eu não gosto de meninas. (Marcos)- Você não gosta da sua mãe e da Laura? (Paula). - Gosto. (Marcos). - Então, elas também são meninas. (Paula). - Mas eu não gosto de meninas crianças, só de adultas. (Marcos) E continuou chorando e correndo atrás dos outros meninos que tiravam os colchões do lugar. Chorava e reclamava, esquecendo de brincar. (Registro da Paula, dia 28 de Abril de 2005).*

As regras e limites podem ser criados com o grupo, fazendo com que as crianças pensem no que devem ou não fazer, antes que ocorram ações de agressão contra colegas, professores e materiais a sua volta. No grupo onde estagiamos, as próprias crianças criaram suas regras de como deveriam se portar perante as outras pessoas. No início da tarde, todos os dias, faziam a relação de atividades que seriam realizadas no dia, com a ajuda de todo o grupo e da professora. As opiniões eram analisadas e aceitas pelas crianças, tanto a delas quanto a da professora.

Há um universo moral e infantil, que vai acontecendo com o tempo, mas que merece atenção se quisermos que o desenvolvimento ocorra. A regra é o primeiro contato que a criança tem com a moral. Desde o nascimento elas são submetidas a regras sociais (rotinas), e sabem que se fazem certas coisas. Quando são maiores (4 ou 5 anos), percebem que há coisas que se fazem e outras que não devem ser feitas e várias regras de boa educação prenunciam virtudes centrais para a moral.

Mais importante do que impor regras e limites, é desenvolver a capacidade e sensibilidade das crianças de conseguirem reconhecer o outro, e compreenderem as regras como sendo necessárias para a vida em coletividade.

A fala de Maria demonstra mudanças positivas na atitude das crianças:

*Fomos procurar o professor de Educação Física, mas não o encontramos e no caminho cruzamos com a Laura, Jorge e Maria que nos contou, sorridente, a recepção carinhosa de algumas crianças quando ela entrou na sala, já que faziam quase duas semanas que não aparecia. (Registro da Paula, dia 11 de Maio de 2005).*

Após essas semanas de convívio e de intervenção com as crianças, percebemos o quanto o grupo mudou em relação aos amigos. Depois de algumas atividades sugeridas por nós, vimos que algumas crianças já se abraçavam mais, trocavam carinhos e acolhiam aquelas que antes eram desprezadas. As intervenções não foram no sentido de mudar a configuração do grupo de pares, interferindo em seus agrupamentos, escolhas, afinidades, amizades, mas construir com as crianças outras referências para orientar suas relações, entre elas e com os adultos. Esses referenciais foram construídos e devem ser perseguidos continuamente pela professora, com a intenção de sensibilizá-los para a importância da solidariedade, da união, do respeito e da amizade.

Acreditamos que, uma vez bem desenvolvidos esses valores com as crianças, suas relações também possam ser pautadas no respeito às diferenças e menos na discriminação.

Assim, o que abordamos neste artigo vem afirmar o quanto é necessário educar para que as pessoas vivam bem. A questão provoca mudança na postura do professor, supondo coerência entre os discursos e as ações, revisando valores, interferindo naquilo que prioriza em seu educar.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os momentos que passamos na Instituição nos fez refletir sobre a importância de um olhar mais atento sobre a criança, percebendo quais são suas reais necessidades.

Foi um tema difícil de trabalhar, por ser tão atual e pouco debatido entre os estudiosos. Colocar os valores como tema do trabalho pedagógico é um desafio, pois para isso é preciso mudança na prática.

Outros desafios também fizeram parte do nosso estágio. O grupo era muito inquieto e fazer qualquer atividade com ele (seja ela como fosse) era um desafio para nós. A toda hora nos perguntávamos se tal atividade seria agradável para as crianças e como reagiriam a ela.

Acreditamos ter sido uma tarefa difícil também para crianças e professoras, que nos receberam em suas salas por um determinado tempo, e sem saber, de início, que tipo de atividade desenvolveríamos.

Trabalhar com valores é, sobretudo, um desafio e também uma grande tentativa de se construir uma educação diferenciada, que ultrapasse os limites da transmissão do conhecimento, buscando educar os sujeitos através do desenvolvimento do intelecto, do corpo e da alma.

Temos consciência de que as mudanças ocorrem de uma forma lenta e gradual e que nem tudo pode ser mudado, pois é preciso construir e desconstruir muitas vezes, até chegarmos a um modelo de Educação Infantil que contemple, ao mesmo tempo, crianças e adultos. Vimos o quanto é importante as crianças serem capazes de fazer seus próprios julgamentos sobre o que é certo ou errado, tomar decisões e aprenderem a solucionar os efeitos de suas decisões sobre si mesmas e sobre os outros.

Assim, precisamos dar início a estas mudanças, partindo da nossa realidade e da criança, buscando respostas a partir do olhar sobre elas, dando-lhes o direito a uma infância plena, com todos os seus sabores e dissabores. Desse modo, estaremos contribuindo com a formação e a transformação de nossa sociedade, construindo cidadãos felizes e de direitos.

## 5. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia A. **O Espaço da Creche: Que lugar é este?** Dissertação em pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003

BIANCHETTI, Lucidio; FREIRE, Mara I. (orgs). **Um Olhar sobre a diferença: Interação, Trabalho e Cidadania.** Papirus Editora.

CERISARA, Ana B., et al. **Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na Educação infantil.** Florianópolis, 2002.

CORREA, Eloiz S.; RODI, Monique F. **Valores no cotidiano escolar.** Revista Pátio Educação Infantil. Editora Artmed. Ano III, número 7. Março/Junho, 2005-06-25

FELIPE, Jane. **A questão dos limites na Educação Infantil.** Revista Pátio Educação Infantil. Editora Artmed. Ano II, número 4. Abril/Julho, 2004

FERREIRA, Manuela. **Do “Averso” do Brincar ou... as Relações entre Pares, as Rotinas da Cultura Infantil e a Construção da(s) Ordem(ens) Social(ais) Instituinte(s) das Crianças no Jardim-de-Infância.**

GALEANO, Eduardo. **A Infância como perigo.** Revista Atenção. São Paulo. Editora Página Aberta, set. 1996

KAMII, Constance; KATO, Yasuhiko. **Bom comportamento não é suficiente.** Revista Pátio Educação Infantil. Editora Artmed. Ano III, número 7. Março/Junho, 2005-06-25

KRAMER, Sônia; BAZÍLIO, Luiz C. **Infância, Educação e Direitos Humanos.** Cortes Editora. São Paulo, 2003

KRAMER, Sônia. **Infância e Educação: O necessário caminho de trabalhar contra a Barbárie.** Papirus Editora. São Paulo, 1999